

As Três Transformações

Extraído do livro *Assim Falava Zaratustra*, de F. Nietzsche; Hemus, S. Paulo, 1977.

“Apresento-lhes três transformações do espírito: como o espírito se transforma em camelo, o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança.

Há muitas coisas difíceis para o espírito, para o espírito sadio, sólido, respeitável. A força deste espírito está clamando por coisas pesadas, e das mais pesadas.

Há algo que seja pesado? — pergunta o espírito sólido. E ajoelha-se como camelo e quer que lhe dêem boa carga. Que há de mais pesado, heróis — pergunta o espírito sólido — a fim de eu o deitar sobre mim, para que minhas forças se deiletem?

Não será o sofrimento afronta para o nosso orgulho? Deixar transparecer a nossa loucura para zombarmos da nossa prudência?

Ou será separarmo-nos da nossa causa quando ela comemora a sua vitória? Escalar altos montes para procurar o que nos tenta?

Ou será alimentarmo-nos com bolotas e ervas do conhecimento e passar fome na alma por amor à verdade?

Ou será estar enfermo e despedir os confortadores e travar amizade com surdos que não ouvem nossas queixas?

Ou será submergirmo-nos em água suja quando esta é a água da verdade, e não afastarmos de nós as rãs frias e os sapos quentes?

Ou será amar os que nos repudiam e entender a mão ao fantasma que nos quer assustar?

O espírito sadio sobrecarrega-se de todas estas coisas pesadíssimas; e, à semelhança do camelo que corre carregado pelo deserto, assim ele corre pelo seu deserto.

No deserto mais isolado, porém, efetua-se a segunda transformação: o espírito torna-se leão; quer conquistar a liberdade e ser senhor do seu próprio deserto.

Procura então o seu último senhor, quer ser seu inimigo e de seus dias; quer lutar com o grande dragão para derrotá-lo.

Qual é o grande dragão a que o espírito não quer chamar Deus, nem Senhor?

“Você deve”, assim se chama o grande dragão; porém o espírito do leão diz: “Eu quero”.

O “tu deves” está plantado no seu cami-

nho, como animal escamoso de fulgor áureo; e em cada uma das suas escamas brilha em douradas letras: “Tu deves”!

Valores milenários cintilam nessas escamas, e o mais poderoso dos dragões assim fala:

“Em mim cintila o valor de todas as coisas”.

Todos os valores já criados foram, e eu sou todos eles. Para o futuro não deverá existir o “eu quero”! Assim disse o dragão.

Meus irmãos, que falta faz o leão no espírito? Não bastará a besta de carga que renuncia e cultua?

Criar novos valores é coisa que o leão ainda não consegue; contudo criar uma liberdade para a nova criação, isso o consegue o poder do leão.

Para instituir a liberdade e um santo não, mesmo perante o dever; para isso, meus irmãos, é necessário o leão.

Adquirir o direito de instituir novos valores é a mais terrível apropriação aos olhos de um espírito sólido e respeitoso. Para ele isto é uma verdadeira rapina e coisa apropriada de um animal voraz.

Como o mais santo, amou em seu tempo o “tu deves” e agora tem que ver a ilusão e a arbitrariedade até no mais santo, a fim de conquistar a liberdade à custa do seu amor. É indispensável um leão para esse feito.

Digam-me, porém, irmãos: que poderá a criança fazer que não haja conseguido fazer o leão? Para que será indispensável que o altivo leão se transforme em criança?

A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação.

Sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é necessária uma santa afirmação: o espírito quer agora a sua vontade, o que perdeu o mundo quer conseguir o seu mundo.

Três transformações do espírito vos expus: como o espírito se transforma em camelo, o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança.”

Assim dissertava Zaratustra. Nessa época residia na cidade que se chama “Vaca Malhada”.